



Ministério da Educação – Brasil
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
ISSN: 2238-6424
QUALIS/CAPEs – LATINDEX
Nº. 27 – Ano XIII – 05/2025
<https://doi.org/10.70597/vozes.v12i27.724>

O Serviço Social no Vale do Mucuri: Gênese, Consolidação e Expansão da profissão

Prof. Msc Jhony Oliveira Zigato
Mestre em Serviço Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Doutorando
em Serviço Social pelo Programa de Pós Graduação em Serviço Social da UFJF
Docente do curso de Serviço Social da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas e
Exatas (FACSAE) da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Teófilo Otoni- Brasil
lattes.cnpq.br/8255354861877870
E-mail: jhony.zigato@ufvjm.edu.br

Resumo: Este artigo tem por objetivo apresentar o percurso histórico da profissão de Serviço Social no Vale do Mucuri (MG) a partir dos anos 1980 à atualidade. A concepção de história adotada neste trabalho não coaduna com a linearidade dos fatos, mas articula-se com a dinâmica contraditória e em movimento do processo de reprodução das relações sociais.

Assim, apreender a formação sócio-histórica regional é de suma importância para captar as particularidades da profissão de Serviço Social no Vale do Mucuri (MG) a partir de sujeitos sociais, de Assistentes Sociais inseridos na região a partir do lapso histórico estabelecido.

Por fim, o artigo é fruto do processo de conclusão da pesquisa da Tese de Doutorado, apontando elementos inéditos para subsidiar estudos futuros sobre o Serviço Social no Vale do Mucuri (MG).

Palavras-chave: Serviço Social; Formação Sócio-Histórica Regional; assistentes sociais no Vale do Mucuri (MG)

Introdução

O Serviço Social é profissão inscrita na divisão social e técnica do trabalho na malha histórica do capitalismo em sua fase monopolista¹. Iamamoto e Carvalho (2014) afirmam que *captar o significado sócio-histórico desta profissão* exige o movimento de inserção e articulação na malha da reprodução das relações sociais.

A reprodução das relações sociais não se restringe à reprodução da força viva de trabalho e dos meios objetivos de produção (instrumentos de produção e matérias primas). A noção de reprodução engloba-os, enquanto elementos substanciais do processo de trabalho, mas os ultrapassa. Não se trata apenas de reprodução material em seu sentido amplo, englobando produção, consumo, distribuição e troca de mercadorias. Refere-se a reprodução das forças produtivas e das relações de produção na sua globalidade, envolvendo, também, a reprodução da produção espiritual, isto é, das formas de consciência social: jurídicas, religiosas, artísticas ou filosóficas, através das quais se toma consciência das mudanças ocorridas nas condições materiais de produção. (Iamamoto e Carvalho, 2014, p. 78)

Partir da reprodução das relações sociais, portanto históricas, incidem no cotidiano da vida dos sujeitos sociais na medida em que a realidade é “uma totalidade concreta em movimento, em processo de estruturação permanente. Entendida dessa maneira, “a reprodução das relações sociais atinge a totalidade da vida cotidiana, expressando-se no trabalho, na família, no lazer, no poder, na escola como também na profissão” (Iamamoto e Carvalho, 2014, p. 79)

Para a (o) Assistente Social há uma indissociabilidade entre a realidade vivida, na predominância de sua aparência fenomênica, fragmentos do real, e a realidade representada que marcou e marca o Serviço Social sob novas determinações em sua gênese no que tange ao primado do ser sobre o saber², ou seja, as qualidades

¹ Netto (2007) explicita que o capitalismo em sua fase monopolista se faz incidente no “último quartel” do século XIX, evidenciando uma série de transformações societárias e complexificando o sistema totalizante de contradições, exigindo, assim, a intervenção de um agente extra econômico, qual seja: o Estado Burguês. Intervenção sistemática para além de garantidor das condições gerais da produção capitalista, intervém na contraditória e necessária relação entre capital/trabalho, burguesia/proletariado. O autor ressalta que a fase “clássica” do monopolismo vai de 1890 a 1940.

² O Serviço Social no continente europeu, de matriz franco-belga, bem como no Brasil, em suas gêneses, resguardando as particularidades, têm forte influência da doutrina social da Igreja Católica em fins do século XIX e o século XX. A Igreja, em “concordata” com a sociabilidade e classe dominante vigentes, utiliza-se da estratégia defensiva na qualificação de quadros laicos, oriundas de moças e senhoras das frações de classes dominantes para atuarem em um ambiente e como uma população “hostil”. Entendem a “questão social” como uma questão moral e ideológica, realizando “críticas aos exageros que a sociedade industrial vem produzindo e exorcizando o socialismo/comunismo, defendendo o capitalismo sob uma roupagem ética-cristã. Essa visão de mundo, conservadora, tem um papel político: o enquadramento das massas aos ditames da Igreja e da Burguesia

peçoais, o discurso altruísta e o “bem comum” reforçaram por décadas a manutenção do status quo, do caráter conservador ideológico da sociedade burguesa sobre todo o conjunto da sociedade.

Se a análise, de acordo com os autores, não passa pelo crivo da teoria social marxiana, que vai à essência fenomênica, ou seja, questionando, debatendo com as dinâmicas e estruturas produzidas e reproduzidas, pode-se incorrer na defesa e/ou legitimidade da tese unilateral que tende a acentuar:

Aprioristicamente o caráter “conservador” da profissão como esforço e apoio ao poder vigente. Não significa ainda assumir a tese oposta, amplamente divulgada no movimento de Reconceituação Latino-Americano, que sustenta, a princípio a dimensão necessariamente “transformadora ou revolucionária” da atividade profissional. Ambas as posições acentuam, apenas e de modo exclusivo, um polo do movimento contraditório do concreto, sendo nesse sentido unilaterais. (Iamamoto e Carvalho, 2014, p. 80)

As classes sociais, de que sinalizam no bojo do monopolismo clássico do capital, dizem respeito ao proletariado e a burguesia industrial no cenário do desenvolvimento capitalista industrial e a expansão urbana. A “questão social”, objeto de justificação do Serviço Social e seus agentes é compreendida em sua manifestação, na cena pública, “do processo de formação e desenvolvimento da classe operária e de seu ingresso no cenário político da sociedade, exigindo seu reconhecimento como classe por parte do Estado e do empresariado, manifestando a contradição entre salário e capital, burguesia e proletariado.” (Iamamoto e Carvalho, 2014, p.84).

O reconhecimento por parte do Estado e do empresariado demandará ações para além da caridade e da repressão, não eliminadas a partir dos anos 1930, mas em simultâneo “leque” de ações com destaque às políticas sociais, expressas nos serviços a serem prestados a uma pequena parcela do operariado urbano industrial como estratégia de manutenção do status quo e as pressões e lutas que as classes trabalhadoras desempenham.

Historicamente, passa-se da caridade tradicional levada a efeito por tímidas e pulverizadas iniciativas das classes dominantes, nas suas diversas manifestações filantrópicas, para a centralização e racionalização da atividade assistencial e de prestação de serviços sociais pelo Estado, à

sob o “manto” do bem comum, da dignidade humana em que todos são iguais perante a lei e ao Divino. Maiores informações, Iamamoto e Carvalho (2014)

medida que se amplia o contingente da classe trabalhadora e sua presença política na sociedade. Passa o Estado a atuar sistematicamente sobre as sequelas da exploração do trabalho expressas nas condições de vida do conjunto dos trabalhadores. (Iamamoto e Carvalho, 2014, p.85)

Assim, o Serviço Social coloca-se como profissão, medularmente vinculado ao setor público de forma majoritária no cenário de progressivo controle e intervenção do Estado sobre a sociedade civil, vinculando-se também as organizações patronais privadas de caráter empresarial, denominando o que Netto (2015) cita como “Serviço Social de Empresa” e a (o) Assistente social consolida-se como trabalhador assalariado, como vendedor de sua força de trabalho para a reprodução da sua vida em sociedade.

Em relação ao Vale do Mucuri (MG), localizado no nordeste do estado mineiro, a região *dialoga* com os elementos da formação sócio-histórica brasileira³ que incidem na economia, na política e nos aspectos socioculturais, tais como a forma de exploração da terra na região pelo latifúndio, pela pecuária e a extração de pedras preciosas, utilizando as mãos de obra escrava de indígenas da região (Maxakali); negra e após a abolição, de negros “libertos” e de agregados que, segundo Atschim (2018) constituem de mestiços e imigrantes alemães empobrecidos, vindos da Europa para o Brasil.

Atschim (2018) contextualiza a segunda metade do século XIX como o palco de tais acontecimentos acima apontados e soma-se as ações o ideário de “desenvolvimento” e “progresso” com a construção da estrada de ferro Bahia-Minas, lento processo urbanizador desigual, expulsando as massas para as periferias da cidade de Teófilo Otoni (MG), polo de desenvolvimento regional até a atualidade.

Somente nos anos 1980 na região, no contexto da crise da autocracia burguesa e das lutas pelo processo de redemocratização da sociedade brasileira, que o Serviço Social se fará presente na região como será apresentado no item a seguir

³ Fernandes (2020) e Prado Júnior (2012) enfatizam elementos como o patrimonialismo, o clientelismo, o mandonismo, o coronelismo e o primeiro damismo como elementos estruturais, forjados na era colonial, ou seja, nas relações sociais sob a ordem senhorial escravocrata, refuncionalizados a partir da “abertura” ao modo de produção capitalista sob o crivo da dependência.

Desenvolvimento:

A partir da pesquisa realizada com Assistentes Sociais da região, captando as *determinações do real* pela modalidade de pesquisa em sua natureza qualitativa qual seja: A história oral⁴, o Serviço Social no Vale do Mucuri (MG) tem o processo de gênese a partir do quadro real de demandas postas pela sociedade regional, cabendo o Estado mediar este processo como empregador histórico das e dos Assistentes Sociais no Brasil.

Ao me graduar, na Escola Católica de Serviço Social de Minas Gerais em 1982, trabalhei como assistente social do Hospital Espírita André Luiz (contrato temporário em Belo Horizonte) e logo depois recebi um convite de minha professora, Márcia Biondi Pinheiro, para ampliação das ações da Legião Brasileira de Assistência-LBA em Minas Gerais. Eu e alguns colegas participativos dos movimentos estudantis da PUC da época, ingressamos nesse projeto, balizados por uma vontade de fazer um Serviço Social na nova visão conceitual. Fomos contratados por Tancredo Neves (contratados por órgão do estado cedidas a LBA) no apagar das luzes de sua gestão em Minas Gerais. Fui encaminhada ao Nordeste mineiro para o município de Águas Formosas em 1984 e depois fui transferida para Teófilo Otoni, a fim de trabalhar em parceria com a Secretaria de Estado da Saúde de Minas Gerais na distribuição de alimentos. (Nepomuceno, 2024, s/n).

Ainda no município de Águas Formosas (MG), a Assistente Social foi demandada para atuar com o Desenvolvimento de Comunidade⁵ com uma comunidade rural a partir de um viés “conservador”, de ajuste da comunidade local as “expectativas” da LBA. Contudo:

A aplicação do Desenvolvimento de Comunidade na região rural e urbana do município de Águas Formosas nos anos 1980 proporcionou o autoquestionamento da realidade local. A pobreza, a concentração de terras eram gritantes e era preciso ir além do discurso oficial de levar desenvolvimento, progresso e melhoria de vida para a população. [...] Me recordo que eu e algumas colegas íamos ao encontro da população nas casas, associações, salões de igreja e questionávamos a vida do povo, pois havia recebido uma formação crítica, o país em ebulição com a redemocratização, queríamos levar o povo a refletir e pensar estratégias de ação. (Nepomuceno, 2024 s/n)

⁴ De acordo com Moljo (2002), podemos situar a História Oral dentro dos métodos qualitativos de investigação, a qual afirma dentro do mundo acadêmico em finais dos anos 1960, tendo como horizonte ampliar os conhecimentos da realidade social através de estudos em profundidade, tomando como um de seus eixos as experiências vividas pelos sujeitos. Com isso, trata-se de ultrapassar as descrições para compreender os significados em buscar os sujeitos e suas histórias. Não propõe de nenhuma maneira desconectar o sujeito em suas estruturas materiais, das condições reais de existência. Pelo contrário, trata-se de analisar como a estrutura repercute na vida cotidiana do sujeito e como o sujeito produz e reproduz nessa estrutura, mas dimensionando desde o cotidiano, desde a sua própria experiência.

⁵ Acerca do Desenvolvimento de Comunidade, Ammann (2003)

A profissional relata também que diante deste movimento de autoquestionamento das condições de vida da população e o crescente trabalho, houve resistências por parte do poder público local (prefeitura a época) e dos fazendeiros e “benfeitores” da cidade.

Me recordo de alguns fazendeiros, algumas pessoas de posse na cidade, alguns vereadores questionarem nosso trabalho, pois estávamos “agitando o povo” ao invés de ensiná-los a como superar suas dificuldades para saírem das condições vividas. [...]. Foi aí que percebi, na pele, como que o mandonismo, o coronelismo, a benemerência eram fortes e que fomos “orientadas” a mudar o foco do trabalho para “evitarmos” problemas maiores. (Nepomuceno, 2024, s/n)

Nepomuceno (2024) reitera que mesmo com as contradições, os limites impostos pela realidade regional, houveram “frutos” do seu trabalho como o fortalecimento do sindicato rural em Águas Formosas, os grupos de reflexão das CEB’S (Comunidades Eclesiais de Base), que sustentadas na vertente “progressista” da Igreja, a Teologia da Libertação, buscavam defender e reivindicar direitos e o fim da desigualdade social.

Essas pequenas conquistas me motivavam, me alimentavam: porque eu saí da minha graduação com essa vontade, esse desejo de mudar a realidade, de não reproduzir um Serviço Social Neutro, conservador, sem questionar as condições de vida da população. Sendo jovem, me desafiei a deixar a capital mineira para vir para o interior e fazer a diferença. (Nepomuceno, 2024, s/n)

A profissional relatou que permaneceu trabalhando em Águas Formosas (MG) de 1984 a 1986 com Desenvolvimento de Comunidade e proporcionou conhecer um pouco a região. Em 1986 recebeu uma proposta de trabalho, via indicação, para atuar na área da saúde e pode contribuir com as discussões em Teófilo Otoni e região dos momentos que antecederam a criação do Sistema Único de Saúde em 1988.

Quando fui pra Saúde em 1986, fui por indicação e depois fiz um concurso interno e me efetivei após a Constituição de 1988. Trabalhei desde então somente neste campo, na Gerência Regional de Saúde, contribuindo no planejamento, monitoramento e as ações e serviços de saúde em todo o Vale do Mucuri (MG). (Nepomuceno, 2024, s/n)

[...] A partir da década de 1990 iniciou, de forma gradual, um aumento de profissionais na região e a maioria vinculados por contrato de trabalho, sem concurso público efetivo. Nessa época eu já era efetiva na Gerência Regional de Saúde (GRS), mas conhecia alguns colegas que trabalhavam em municípios da região sob indicação de vereadores, prefeitos e até os coronéis, donos de grandes extensões de terra na região. O clientelismo para conseguir emprego na região era muito forte e até hoje o “Quem Indica” é frequente na região para conseguir trabalho. (Nepomuceno, 2024, s/n)

Outra profissional entrevistada, atuando também a mais tempo na região, é natural da cidade de Ataleia (MG), próximo a Teófilo Otoni, ou seja, é “filha” da região.

Sou Nadia Maria Carvalho de Oliveira Martins, nasci na cidade de Ataleia, mais ou menos uns 80 km de Teófilo Otoni. Sou a segunda filha de oito, tenho 4 irmãos e três irmãs. Tenho 58 anos, casada e mãe de dois filhos. Fui estudar na capital, nos anos 80 aqui na região não tinha nenhuma faculdade, era até o ensino médio. Quem quisesse fazer faculdade tinha que ir para Governador Valadares, Ipatinga ou Belo Horizonte e na época quem tinha essa condição de ir estudar fora, com pai e mãe pagando tudo? Fiz minha graduação na Escola de Serviço Social da então Universidade Católica de Minas Gerais entre 1985 a 1988. Lembro que me formei, quando a Constituição tinha a pouco sido promulgada (Martins, 2024, s/n)

A Assistente Social relatou que voltou para a região de origem nos anos 1990 e que à época as políticas públicas ainda eram muito escassas na região, o acesso a alguns municípios eram desafiadores devido à falta de asfaltamento, predominando uma forte cultura conservadora expressas no mandonismo, nas relações de favor, mando e obediência e um forte patriarcalismo.

No mesmo ano, em 94, prestei concurso público na prefeitura de Teófilo Otoni, passei e fui atuar na saúde mental, minha grande paixão e foi desafiador, porque não tinha quase nada, o SUS era recente, a saúde mental nem sem fala. Na época estava começando o debate da Reforma Psiquiátrica e acompanhava esse movimento e depois de muitos anos veio os caps 's e ajudei nesse processo, incentivando a criação no município e participando das reuniões de planejamento. Me aposentei na prefeitura em julho de 2022. Em 95, mantendo dois empregos, ingressei na APAE de Teófilo Otoni, onde permaneço até a presente data. (Martins, 2024, s/n)

A precarização das condições de trabalho sempre se fez presentes para as e os Assistentes Sociais da região, sendo “comum” o duplo/triplo vínculo de trabalho das e dos profissionais. Contudo, Martins (2024) afirma se sentir realizada, não se vê atuando em outra profissão.

Vejo aqui na região que o Serviço Social é uma profissão muito subalterna, a gente precisar brigar por nosso lugar aqui, nos são demandadas tarefas que nada tem a ver com o Serviço Social e vejo muito aqui os mandos e desmandos de vereadores e de profissionais que “obedecem” por medo de perder seus empregos e prestígios com os vereadores e demais autoridades locais. (Martins, 2024, s/n)

A profissional elenca que um dos maiores desafios em ser Assistente Social no Vale do Mucuri (MG), para além das condições precárias de trabalho, é vencer os clientelismos que batem nas instituições, os mandos das autoridades, as requisições que nos são solicitadas sob uma lógica de reforço da ajuda, da caridade, de

benevolência e a “impotência” de não romper com esses limites. Porém, ela segue se impondo, resistindo, ainda que no seu espaço cotidiano de trabalho.

Outras duas Assistentes Sociais entrevistadas, oriundas do Vale do Rio Doce (MG), cidade de Governador Valadares, tem as suas graduações realizadas em uma instituição privada, a UNIVALE (Universidade do Vale do Rio Doce), de natureza privada, cursando Serviço Social em fins dos anos 1990 e chegando no Vale do Mucuri (MG) no início dos anos 2000.

Sou Edna Chaves de Oliveira, natural de Governador Valadares, mãe de dois filhos, casada e tenho 57 anos. Vim de uma família de cinco filhos e passamos por desafios. Comecei a trabalhar desde cedo e cursar uma faculdade parecia um sonho bem distante sabe? Me recordo que eu trabalhava durante o dia e iniciei o curso de Serviço Social em 1998 na UNIVALE e terminei a minha graduação em 2001.

Ao chegar no ano de 2004 em Teófilo Otoni, a Assistente Social ingressou no mercado de trabalho em uma instituição privada de ensino de natureza confessional para ministrar algumas aulas por semana no então curso de Serviço Social da Instituição. No ano seguinte, em 2005, foi contratada para trabalhar na Legião da Boa Vontade (LBV), uma instituição filantrópica confessional (Espírita Kardecista) que acolhem idosas e idosos para serem institucionalizados, sendo muito demandada em Teófilo Otoni e região, compondo a rede socioassistencial do município.

Os desafios que eu elenco para atuar como Assistente Social na região são os coronelismos, clientelismos, o primeiro damismo muito forte, essas velhas questões políticas. Me recordo do período de transição de governos entre Maria José (PT) e Getúlio Neiva (MDB) e percebi na época um retrocesso, um corte de direitos, de assédios nos ambientes de trabalho e isso chegou na LBV. Pisava em ovos para lidar com secretários, a direção da minha instituição. Contudo, pude nessa época contribuir para a implantação do Conselho Municipal do Idoso na cidade e fiquei conhecida como profissional referência no campo do idoso, percebi, mesmo em meio a limites, respeito e conquista de espaço.

[...] A articulação com a comunidade, a rede socioassistencial foi muito difícil. Falo no lugar atuando na LBV, que é uma instituição espírita e não muito bem vista a época na cidade. Foi com o meu trabalho, me aproximando da prefeitura, ajudando na criação do Conselho do Idoso, abrindo campo de estágio na LBV que aos poucos as barreiras foram quebrando, mas até hoje os desafios e limites são grandes. (Oliveira, 2024, s/n)

Esse reconhecimento sinalizado pela Assistente Social é “o motor”, a “motivação” que a faz exercer a profissão mesmo com os baixos salários e as precárias condições e afirma que nesses anos de trabalho contribuiu em alguns momentos com o Núcleo de Assistentes Sociais da região para fortalecer a categoria profissional na luta por melhores salários e condições de trabalho.

Olha, desde que cheguei aqui, me recordo de ter participado, como linha de frente do Núcleo, umas quatro vezes em momentos de mobilização e pouca adesão. Na minha visão, vejo muita queixa dos profissionais, que o CRESS nada faz. Mas quando a gente chamava para as reuniões, a adesão era baixa. Aqui o individualismo entre os colegas é grande, todos querem o “venha a nós” e não se esforçam para participar e construir o espaço coletivo. (Oliveira, 2024, s/n)

A segunda profissional, graduada também na UNIVALE em Governador Valadares (MG), ingressa no curso de Serviço Social em 1995, concluindo a sua graduação em 1999

Sou a Jaqueline Maria de Souza, nasci na cidade de Muriaé, zona da mata mineira, tenho 55 anos de idade, me identifico como mulher cis. Tenho uma união estável, sem filhos. Me mudei com 11 anos de idade para a cidade de Governador Valadares (MG), porque o meu pai foi transferido por motivo de trabalho.

[....] Me graduei na Univale em Governadores Valadares, fiz parte da primeira turma desta instituição e concluí meu curso em 1999. Na formação, gostei muito da psicologia social, filosofia, sociologia. Na base operativa, no Serviço Social foi muito rasa, porque era muita teoria e pouca prática. Eu me perguntava, o que eu vou fazer com isso tudo de teoria? Me lembro de ter tido muita dificuldade nos primeiros anos no mercado de trabalho, me sentia despreparada, me questionando como faço isso, como faço aquilo? (Souza, 2024, s/n)

Assim como a profissional anterior bem como alguns outros entrevistados, o duplo/triplo vínculo de trabalho é “comum” na região em virtude das baixas remunerações que chegam a equivaler um salário mínimo e também pelas precárias condições de trabalho, impactando no fazer profissional, ou seja, na qualidade dos serviços que são ofertados aos usuários.

O que eu me lembro da profissão na região, eram das profissionais já inseridas muito aguerridas, com uma atuação mais crítica, humanizada com os usuários dos serviços, me senti muito acolhida quando cheguei. Porém, me deparei com sujeitos que não sabiam o que era o Serviço Social, confundiam com assistencialismo, ajuda, caridade e enfrentei essas situações com maestria, desmistificando essa concepção errada de profissão.

[.....] Como mulher preta, periférica, de família humilde, passei no trabalho por preconceitos pelos homens, os outros profissionais lá no Consórcio. Trabalhei com uma psicóloga que era branca, loira, bem economicamente e a tratavam de forma diferente e me menosprezava, isso no ambiente de

trabalho do Consórcio Intermunicipal. Os profissionais médicos eram os mais preconceituosos, o patriarcalismo, o conservadorismo é forte. [...] Mesmo com essas situações, eu não me abatia, enfrentava com maestria e tentavam abafar meu trabalho, tirar as minhas ideias de cabeça. Me recordo que sofri muito assédio na instituição e também com outros assistentes sociais, até mesmo com a professora Angelina, devido a crítica que realizava a minha formação, mais antiga. Me adoeci mentalmente e o consórcio me demitiu com justa causa, alegando que eu estava “com mania de perseguição”. Não assinei a demissão, entrei com processo judicial e tive ganho de causa, foi um período muito difícil que enfrentei. (Souza, 2024, s/n)

A cultura regional, de predomínio dos valores mandonistas, clientelistas, paternalistas “interferem” na cultura profissional de que Moljo e Silva (2018)⁶ explicitam e com isso reforçam traços estruturais de subalternidade profissional com uma extrema elevação do individualismo em sua acepção neoconservadora o que não significa “polos de resistência”, de críticas, de questionamento ao instituído, mas fragmentados e em minoria, vigorando o que a profissional chamou de uma “postura conformista dos assistentes sociais”.

A expansão da profissão na região, a partir da realização das entrevistas, se dá nos anos 2000 em virtude de dois fatores fundamentais: a instalação de instituições privadas de ensino em Teófilo Otoni bem como a instalação da UFVJM (Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), campus Teófilo Otoni, ofertando a partir de 2006 o curso de Serviço Social em período noturno e a implantação da Política Nacional de Assistência Social no primeiro mandato de Luís Inácio Lula da Silva (2003-2006)⁷.

Sou Diego Soares Ferraz, tenho 34 anos de idade, homem cis, homossexual e carrego com orgulho os meus traços indígenas. Natural do município de Machacalis, aqui mesmo no Vale do Mucuri. Filho de pais agricultores e semianalfabetos tive uma infância difícil, de privações, mas com muito amor dos meus pais para comigo. Terminei o meu ensino médio na cidade e sabia vagamente da existência da universidade federal. Conheci o Serviço Social por conta de uma assistente social na minha cidade, que trabalhava na saúde e ali tive a certeza que era Serviço Social que iria cursar.

⁶ Para Moljo e Silva (2018), a cultura refere-se ao modo de ser, aos valores socialmente construídos com base nas determinações de existência do ser social na sua vida histórica real, decisivos nas direções sociais formadas por posicionamentos políticos amplos que se sustentam em matrizes teóricas do conhecimento).

⁷ As instituições de ensino privadas são: UNIPAC (Universidade Presidente Antônio Carlos) e as Faculdades Doctum, atualmente denominadas de Rede Unidoctum. Em 2004 é criada pelo Governo Federal a PNAS (Política Nacional de Assistência Social) e em 2005 o SUAS (Sistema Único de Assistência Social), contribuindo para a expansão do mercado de trabalho para as e os Assistentes Sociais no Brasil, bem como no Vale do Mucuri (MG).

[...] Ingressei no curso de Serviço Social da UFVJM em 2010 já no campus próprio da universidade, me graduando no final de 2014. Me recordo que muitos colegas de faculdade eram naturais de outros municípios do Vale. Em 2015, graduado, fui atuar na minha cidade no cargo de Secretário da Política de Assistência Social, fortalecendo a política municipal e implantando novos serviços. Essa trajetória é motivo de orgulho para mim. Permaneci no cargo até 2021. (Ferraz, 2024 s/n)

Sou Shirley Afonso, natural de Malacacheta (MG), cidade próxima de Teófilo. Sempre quis cursar Serviço Social e em 2006 a oportunidade veio por uma bolsa que consegui nas Faculdades Doctum.

[...] Desde quando iniciei minha atuação profissional no CRAS de Topázio, isso desde 2012/2013, meu vínculo empregatício é pelo contrato de trabalho que se renova periodicamente. O salário com os descontos obrigatórios não chega ao valor líquido de um salário mínimo. A maioria dos colegas hoje que atuam na política aqui na cidade, são contratados e como eu, possuem outros vínculos empregatícios para complementar a renda. (Afonso, 2024, s/n)

Sou Gláucia Maria Jorge. Desde os meus 17, 18 anos queria ser Assistente Social. Mas, à época, não tinha condições de ir para Belo Horizonte, pois venho de uma família numerosa e de poucos recursos. Morávamos em Novo Cruzeiro, cidadezinha pequena. Fui fazer Magistério em Teófilo Otoni. Anos depois, nos anos 2000, pude com bolsa Prouni cursar o tão sonhado Serviço Social na Doctum.

[....] No hospital municipal onde atuo há mais de anos, sempre procuro nos meus atendimentos com os usuários e os seus familiares informarem os direitos e deveres dentro da instituição. Para além do hospital, costumo realizar encaminhamentos para os CRAS, CREAS, Postos de Saúde, orientações sobre os direitos previdenciários. Muitas das vezes sou questionada pelos usuários que nada funciona, é difícil acessar um direito e quando consegue, é um vereador, algum parente ou amigo que trabalha nas prefeituras que consegue. A partir desta fala, oriento e faço uma reflexão da importância do nosso voto, que é direito, que não é preciso ficar pedindo favor a vereador, mas eles (os usuários) alegam que é a forma mais rápida pra conseguirem o que precisam. (Jorge, 2024 s/n)

Na atualidade, a herança conservadora se faz presente e se reatualiza sob as mediações impostas pelas relações sociais contemporâneas de que Ribeiro (2021) em sua citação nos apontou.

Esta herança está umbilicalmente enraizada com a formação sócio-histórica brasileira em sua dimensão colonial patrimonialista, destacando nas relações cotidianas o nepotismo, o favoritismo e o clientelismo em suas diversas formas e sob o “manto” do populismo.

Vimos linhas atrás em algumas falas das e dos entrevistados que a cultura política embebida de elementos coloniais sob a “bandeira” da democracia permeia o exercício profissional no Vale do Mucuri (MG) somada aos poucos serviços e recursos da rede socioassistencial das políticas sociais.

Na subjetividade do “ser Assistente Social” na região, reforçando, esta relação é presente e constante.

Muitas vezes, no atendimento imediato de uma demanda urgente, que o usuário precisa como, por exemplo, o Tratamento Fora Domicílio na Saúde (TFD), já recorri a vereadores para agilizarem o processo de liberação do transporte do usuário que estava de alta aqui no hospital e a Secretaria de Saúde do município demorava para liberar. Era pressionada pela direção do hospital a acelerar o TFD para liberar vaga para outro usuário. No início, me sentia mal, mas com o tempo fui me “acostumando” para viabilizar o direito. (Jorge, 2024, s/n)

Aqui no CRAS Topázio as cestas básicas mensais são insuficientes para o atendimento da demanda emergencial das famílias cadastradas. É comum os usuários ou até mesmo alguns políticos que nos informam que podem encaminhar a demanda para eles, que eles garantem a cesta. Na necessidade de “matar a fome”, ficamos à mercê dessas ações clientelistas. A contradição na prática profissional é grande. (Afonso, 2024, s/n)

Na Legião da Boa Vontade (LBV), por ser uma instituição filantrópica, espírita, sem fins lucrativos, muitas famílias recorrem a vereadores da cidade e região para conseguir, junto com o presidente da Legião, vaga para acolhimento institucional dos idosos. A demanda é alta, as vagas são poucas, a seletividade é alta e muitos familiares se queixam comigo e tendo a resposta negativa, buscam os meios de interesses para conseguirem vaga. (Chaves, 2024, s/n)

Em relação a última questão do roteiro de entrevistas, questionando quais elementos podiam contribuir para a “chegada tardia” da profissão na região, as e os entrevistados foram unânimes na afirmação de que a ausência do Estado na região, dos serviços, das políticas sociais, são um elemento que “atrasa” a inserção profissional na região.

Vim para a região em 1984 a trabalho pela LBA. Fui designada para o município de Águas Formosas (MG) para trabalhar com a população rural e urbana sob o Desenvolvimento de Comunidade. Não havia na cidade nenhum serviço público voltado à população no que diz respeito aos serviços sociais. Ainda não tínhamos a Constituição de 1988 e as relações de favor, tutela, mandonismo eram muito fortes. Ouvia muito da população local que quando precisavam de remédio, carro para levar algum doente para os hospitais de Teófilo Otoni, eles procuravam os fazendeiros, as famílias abastadas para serem socorridos. (Nepomuceno, 2024, s/n)

Acredito que a vinda tardia de profissionais para a região esteja ligada a falta de uma estrutura burocrática do Estado para o atendimento das demandas e necessidades da população em um contexto em que não se falava no Brasil em direitos sociais universais. A nossa formação sócio-histórica traçou uma democracia restrita, embebida de autoritarismo e mandonismo. Após a Constituição de 1988 é que, aos poucos, a presença dos serviços, equipamentos públicos vão chegando nas regiões interioranas deste vasto Brasil. (Silva, 2024, s/n)

A chegada Tardia está ligada, ao meu ver, pela ausência efetiva do Estado antes da Constituição de 1988. Depois da Constituição, a saúde torna direito universal e muitos serviços são criados e implantados e demandarão

Assistentes Sociais e outros profissionais também. Quando me formei em 1988 em Belo Horizonte, na PUC, voltei pra região, sou daqui da região e os municípios demandavam Assistentes Sociais nos programas e serviços de saúde. (Martins, 2024, s/n)

Pra mim, a ausência de Assistentes Sociais na região está ligada a falta de cursos de Serviço Social, de faculdades. Me graduei em Governador Valadares (MG). O curso em Valadares é implantando por uma instituição privada nos anos 1990, possibilitando muitas aspirantes virem para Valadares para cursarem Serviço Social. (Souza, 2024, s/n)

Atualmente na região as unidades de formação são duas, a saber: A UFVJM na modalidade presencial em turno noturno, a UNOPAR (Universidade do Paraná) e a UNIDOCTUM que ofertam os cursos de Serviço Social nas modalidades à distância, contribuindo para a expansão da profissão na região, mas cabendo questionar a qualidade da formação pelas instituições privadas em uma quadra histórica de sucateamento da educação brasileira, no avanço da extrema direita no país, reforçando e reatualizando os traços conservadores que permeiam o Vale do Mucuri (MG).

Por fim, para o Serviço Social, o futuro está “em aberto”, cabendo sucessivas pesquisas para a captura das determinações do real com vistas a fornecer “estratégias” de fortalecimento e defesa desta profissão no seu viesse crítico que vindo sendo construído desde os anos 1980.

Conclusão

O Artigo em tela objetivou apresentar a gênese, consolidação e expansão da profissão no Vale do Mucuri (MG) em articulação com os elementos da formação sócio-histórica regional o que pode indicar a tardia chegada da profissão na região uma vez que o Serviço Social no Brasil se institucionaliza e se legitima a partir dos anos 1930/1940.

Com a presença das primeiras profissionais na região a partir dos anos 1980 sob o contexto de crise da autocracia burguesa; a defesa pelo movimento de redemocratização da sociedade brasileira bem como o processo de ruptura do Serviço Social com o seu viesse tradicional, as Assistentes Sociais pioneiras defrontam-se com os obstáculos estruturais da região sob o crivo do

conservadorismo e que incidirá em uma cultura profissional regional, no ser Assistente Social no Vale.

A consolidação e expansão da profissão se dá com incidência em fins dos anos 1990 e nos anos 2000 em diante com as presenças de unidades de formação e o crescimento do mercado de trabalho com ênfase na política setorial de Assistência Social.

Como visto nos relatos de algumas e alguns entrevistadas (os), os limites não significam um conformismo e um imobilismo, contudo, tem por desafio a mobilização coletiva e permanente dos Assistentes Sociais na região para o enfrentamento de velhos dilemas tais como: o que é, o que faz o Serviço Social, sobre o que e sobre quem atua.

O futuro, a história é um vir a ser e a construção da história se dá pelas vias de conhecer o real, em suas múltiplas determinações para o fomento de estratégias que são coletivas para o fortalecimento da profissão de Serviço Social na região.

Referências

- ACHTSCHIN, M. *A formação econômica, política, social e cultural do Vale do Mucuri*. Teófilo Otoni. 2018. 176 p.
- AMMANN. S.B. *Ideologia do Desenvolvimento de Comunidade no Brasil*. São Paulo: Cortez, 12º ed, 2003.
- AFONSO, S.M. *Entrevista concedida ao pesquisador em abril de 2024*, Teófilo Otoni (MG)
- CHAVES, E.O. *Entrevista concedida ao pesquisador em fevereiro de 2024*, Teófilo Otoni (MG)
- FERRAZ, D.S. *Entrevista concedida ao pesquisador em fevereiro de 2024*, Teófilo Otoni (MG)
- FERNANDES, F. *A Revolução Burguesa no Brasil: Ensaio de Interpretação Sociológica*. 14 ed- Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- IAMAMOTO, M.V.; CARVALHO R. *Relações Sociais e Serviço Social no Brasil: Esboço de uma interpretação histórico-metodológica*. 41. Ed- São Paulo: Cortez, 2014.
- JORGE, G.M. *Entrevista concedida ao pesquisador em março de 2024*, Teófilo Otoni (MG)
- MARTINS, N. *Entrevista concedida ao pesquisador em março de 2024*, Teófilo Otoni (MG)
- MOLJO, C.B. *A História Oral como possibilidade de Reconstrução Histórica, sua relação com o Serviço Social*. www.ts.ucr.ac.cr, 2002.
- MOLJO, C.B; SILVA, J. F S. *Cultura Profissional e Tendências Teóricas Atuais: O Serviço Social em Debate*. IN: Serviço Social e seus Fundamentos: Conhecimento e Crítica. Orgs: Yolanda Guerra... [et al]. Campinas, Papel Social, 2018

NEPOMUCENO, R. *Entrevista concedida ao pesquisador em fevereiro de 2024*, Teófilo Otoni (MG)

OLIVIERA, E.C. *Entrevista concedida ao pesquisador em fevereiro de 2024*, Teófilo Otoni (MG)

NETTO, J.P. *Capitalismo Monopolista e Serviço Social*. 6. Ed - São Paulo, Cortez, 2007; _____, *Ditadura e Serviço Social: Uma análise do Serviço Social no Brasil* pós 64. São Paulo: Cortez, 2015.

PENHA, R.W. *Entrevista concedida do pesquisador em março de 2024*, Teófilo Otoni (MG)

PRADO JÚNIOR, C. *A Formação do Brasil Contemporâneo*. Companhia das letras, São Paulo, 2012.

SILVA, R.S. *Entrevista concedida ao pesquisador em fevereiro de 2024*, Teófilo Otoni (MG)

SOUZA, J.M. *Entrevista concedida ao pesquisador em abril de 2024*, Teófilo Otoni (MG)

Processo de Avaliação por Pares: (*Blind Review* - Análise do Texto Anônimo)

Revista Científica Vozes dos Vales - UFVJM - Minas Gerais - Brasil

www.ufvjm.edu.br/vozes

QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524

ISSN: 2238-6424